

# **“O ALQUIMISTA”: AUTO-AJUDA OU ANTI-AJUDA? EXPECTATIVA DOS LEITORES BRASILEIROS EM TORNO DO *BEST-SELLER* DE PAULO COELHO.**

Levi Henrique Merenciano, Arnaldo Cortina. – Lingüística – Letras – Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

Este trabalho de iniciação científica faz um levantamento dos livros de ficção mais vendidos no Brasil de 1975 a 1990 (ver “bibliografia submetida a análise interpretativa”, situada no item “referências”), com vistas a delinear um perfil de leitor brasileiro. Para tanto, é necessário verificar as expectativas do leitor (as influências do plano contextual) e os mecanismos de produção do sentido (o plano do conteúdo) dos textos selecionados. Em função de o livro de Paulo Coelho, *O alquimista*, ter sido o mais vendido em 1990 (último ano do levantamento) e ser considerado o mais representativo da tendência místico-esotérica que se seguirá nos anos de 1990 em diante, pretende-se, a partir dele e de outros livros de temática semelhante, realizar um exercício interpretativo, comparando-os a outras obras analisadas em outros momentos da pesquisa, que vem sendo desenvolvida desde 2003.

O *corpus* para a coleta das listas com as obras de ficção mais vendidas provém da sessão “Os mais vendidos”, da revista *Veja*. A biblioteca municipal Mário de Andrade, situada à cidade de Araraquara, forneceu os exemplares da revista em questão para o levantamento dos dados. O suporte teórico-metodológico para o estudo interpretativo dos textos é o da semiótica de orientação greimasiana. Partindo das estruturas de oposição fundamental, pretende-se relacionar a transformação desse nível para as estruturas narrativas e discursivas, com vistas a estudar as variâncias e invariâncias temático-figurativas presentes nos textos de leitura selecionados. Também é importante estudar os efeitos de sentido alcançados por meio dos diversos procedimentos enunciativos (os mecanismos de debragem e projeção de pessoa, espaço e tempo) contidos nos textos. Além de auxiliar na elaboração do *corpus* dos livros de ficção mais vendidos no Brasil, as edições da revista *Veja*, que fazem um panorama das décadas de 70 e 80 (respectivamente, as edições de 26 dez. 1979 e de 31 dez. 1989), serviram para comparar o plano do conteúdo dos mais vendidos com o contexto das décadas em que foram publicados.

Pode-se ilustrar por meio do resultado interpretativo de alguns livros, como *Conversa na catedral* (VARGAS LLOSA, 1978) e *A alternativa do diabo* (FORSYTH, 1980) um pouco das expectativas de leitura do público-leitor brasileiro dos anos 70. Percebe-se no plano narrativo dos textos selecionados que os sujeitos<sup>1</sup> estavam envolvidos em um universo de valores que lhes permitia escolher somente um caminho dentre muitos. Ou lutava-se, por exemplo, pela ideologia política da direita ou da esquerda, visto ser este o contexto dos anos 70. Estar engajado em ideais políticos de centro ou ceder ao discurso da neutralidade seria considerado, nessas histórias sobre a luta pela coletividade, o mesmo que optar por nada, o que se resume a não optar. Por outro lado, tentando delinear as expectativas da década seguinte, no que se refere aos mais vendidos nos anos de 1980, histórias como *As brumas de Avalon* (BRADLEY, 1985), *O alquimista* (COELHO, 1990) e *A insustentável leveza do ser* (KUNDERA, 1985), destacam sujeitos que buscam estar qualificados para diversos tipos de fazer, e que, sobretudo, buscam obter um conhecimento para fins individuais como forma de transcender e de se auto-ajudar. Por conta disso, o eixo de articulação fundamental da maioria dos *best-sellers* mais vendidos nos anos 80 revelou oposições do tipo “humanidade vs. divindade” e “ignorância vs. conhecimento”. Nas estruturas discursivas, as relações temático-figurativas mostraram a busca pelo conhecimento, sobretudo de cunho místico, em que a cobertura figurativa tratava de sujeitos que partiam de uma situação inicial de ignorância (ausência de um conhecimento útil e prático) e de humanidade (valores mundanos) em direção a situações que envolviam a busca por um saber, por vezes, de cunho místico-esotérico (valores de conhecimento ligados a deveres esotéricos, transcendentais, mágicos). Analisando, mais particularmente, o *best-seller* de Paulo Coelho, *O alquimista*, observa-se que o sujeito Santiago, por meio do esforço

---

<sup>1</sup> “É o actante sintático da narrativa que se define pela relação transitiva de junção ou de transformação que o liga ao objeto e graças a que o sujeito se relaciona com os valores. Enquanto actante funcional, o sujeito caracteriza-se por um conjunto variável de papéis actanciais, em que ocorrem algumas determinações mínimas, tais como os papéis de sujeito competente para ação e de sujeito realizador da performance” (BARROS, 2000, p. 90).

individual, torna-se apto a realizar uma série de performances. A partir de um estado inicial de privação (humildade, simplicidade, ignorância) passa a querer buscar valores de liberdade (ganância, conhecimento, transcendência). No percurso narrativo, portanto, fica qualificado para uma série de funções, desde empreendedor (atividade como vendedor em uma loja de cristais) até ter poderes mágicos por meio da alquimia.

Em virtude das análises, observa-se que a questão do direcionamento, sobretudo de cunho político, era comumente observado nas análises dos mais vendidos da década de 1970, uma vez que o contexto da época propagava o discurso do engajamento político dedicado, pois, mais aos benefícios provindos da coletividade que aos destinados para si próprio. Se na década de 1970, portanto, o problema era escolher, geralmente, entre dois caminhos possíveis, durante os anos de 1980 as escolhas oscilaram, no sentido de tentarem abranger o máximo de opções possíveis. Comparando, dessa maneira, os resultados interpretativos entre essas décadas (1975-1980 e 1981-1990), percebe-se que as narrativas dos anos 70, no que se refere às relações discursivas de temas e figuras, estavam voltadas mais para o fazer coletivo (conflitos armados, manifestações coletivas, revolta política), remetendo diretamente para o contexto de ditaduras e socialismo dessa década. Por outro lado, o que se verificou nos anos de 1980 foi uma tendência mais individualista (leituras mais intimistas), especialmente orientada para o questionamento de aspectos subjetivos da existência humana, visto que nesse período ocorreu a derrocada do socialismo e de algumas ditaduras pelo mundo, o que, de alguma forma, cooperou para diminuir o engajamento coletivo, ocasionando a busca por modos de vida e gostos mais particulares, oriundos de uma sociedade de consumo e de massificação da cultura, ou seja, uma sociedade mais heterogênea. A revista *Veja* tece um panorama dos anos 80:

O jeans quase saiu de cena para dar lugar ao dark. Se os calmantes – com o Valium à frente – foram os remédios mais tomados nos anos 70, nos 80 reinaram os anti-depressivos. Acabou a era da modernidade, pois agora se vive em pleno período pós-moderno. Adeus utopias das tribos contraculturais que pretendiam acabar com a sociedade de consumo. Bem-vinda vida real, o aqui e agora onde há consumo para todos os gostos. Onde antes macrobiótica, agora sushi. Onde liberação sexual, agora Aids. Onde amizade colorida, casamento. Onde cigarros, cuidados com a saúde. Onde o rock como atitude contestatória, agora o rock apenas espetáculo, divertimento. Onde o anonimato do ser humano perdido nas metrópoles, agora o indivíduo de estilo [...] Onde o engajamento para mudar a sociedade, a simpatia pela causa ecológica. Onde as religiões estabelecidas, misticismo variados. Onde antes, na década de 70, kitchenettes bagunçados, nos anos 80 flats e apart-hotéis incrementados (VEJA, 31 dez. 1989, p. 180).

De forma geral, a maioria dos best-sellers dos anos 80, diferentemente da década precedente, abordou relações temático-figurativas que apontaram a busca por um saber específico, concretizado por meio de percursos narrativos que enfatizavam performances individuais. A partir desse período, então (final dos anos 80 e início dos anos 90), percebe-se uma tendência aos gêneros de auto-ajuda e de esoterismo, uma vez que no conteúdo de narrativas mais esotéricas já podiam-se depreender elementos de auto-ajuda. E foi por conta dessa procura por temas mais subjetivos – senão a busca acentuada por livros místico-esotéricos – que propomos a leitura do mais vendido de 1990, *O alquimista*, de Paulo Coelho, entre outros de mesma linha temática, a fim de compará-lo com alguns dos mais vendidos da década de 1970.

## Referências bibliográficas

## **Bibliografia teórica**

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2000.

CORTINA, Arnaldo. Semiótica e Leitura: os leitores de Harry Potter. In: CORTINA, Arnaldo & MARCHEZAN, Renata Coelho (Org.). **Razões e sensibilidades**: a semiótica em foco. São Paulo: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 9 ed. São Paulo: Contexto / Edusp, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du Sens II**. Paris : Seuil, 1983.

\_\_\_\_\_. **Semântica estrutural**. Tradução de Haquira Osakabe e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1966.

SODRÉ, Muniz. **Best-seller**: a literatura de mercado. 2 Ed. São Paulo: Ática, 1988. Série Princípios.

Bibliografia do corpus

## **Bibliografia do *corpus***

OS MAIS VENDIDOS. Veja, São Paulo, jan. 1975 a dez. 1990.

**VEJA**. Edição Especial: anos 70. São Paulo, 26 dez. 1979.

\_\_\_\_\_. Edição Especial: a década de 80. São Paulo, 31 dez. 1989.

## **Bibliografia submetida a análise interpretativa**

BRADLEY, Marion Zimmer. **As brumas de Avalon**: a senhora da magia. Tradução de Waltensir Dutra e Marcos Aurélio P. Cesarino. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

COELHO, Paulo. **O alquimista**. 26 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

DEFORGES, Régines. **A bicicleta azul**. Tradução de Ligia Guterres. São Paulo: Best Seller/Nova Cultural, 1987.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. 6 ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983

FORSYTH, Frederick. **A alternativa do diabo**. 2 ed. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Editora Record: Rio de Janeiro, 1979.

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Fazenda modelo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.

HOLLANDA, Chico Buarque de & PONTES, Paulo. **A gota d'água**. 24. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Tradução de Teresa B. Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. **Risíveis amores**. 10 ed. Tradução de Teresa B. Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985a.

VARGAS LLOSA, Mario. **Conversa na catedral**. Tradução de Olga Savary. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

PUZO, Mario. **Os tolos morrem antes**. Tradução de Luzia Machado da Costa. São Paulo: Editora Record; Círculo do Livro, 1978.

SHELDON, Sidney. **As areias do tempo**. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

\_\_\_\_\_. **O reverso da medalha**. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1982.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O analista de Bagé**. Rio Grande do Sul: L & PM Editores, 1982.

WEST, Morris. **O navegante**. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1976.

YOURCENAR, Marguerite. **Memórias de Adriano**. Tradução de Martha Calderaro. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

**Bolsa:** CNPq/PIBIC